

Vera Regina Serezer Gerzson - Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/
Mestre em Educação pela PUCRS

Ivaine Maria Tonini - Professora da Universidade Federal de Santa Maria-RS / Doutoranda
em Educação na UFRGS

AS DESCONSTRUÇÕES SOCIAIS EM *DENISE ESTÁ CHAMANDO*

SITUANDO A INDÚSTRIA DOS SONHOS

A primeira exibição pública do cinema data de 1895, mais precisamente de 28 de dezembro, em Paris. Pensado a princípio como instrumento científico, de reprodução do movimento e voltado para a realização de pesquisas, o “cinematógrafo”, inventado por Lumière, não tinha a pretensão de servir de entretenimento. Reproduzindo a vida, ele também introduz com fascínio a capacidade de conferir realidade aos sonhos humanos. A magia, a fantasia tomam forma, a ilusão de verdade torna-se impressão de realidade.

Datam do final do século XIX, nos países europeus e nos Estados Unidos as pesquisas para a reprodução de imagens em movimento. Parte da revolução Industrial, do apogeu da técnica, da burguesia e imprime-se como produto cultural, ideológico e estético. Unindo técnica e arte o cinema realiza o sonho de reproduzir a realidade, o “olho mecânico”, como ficou conhecido, era exaltado por sua objetividade, que na época era compreendida pela não intervenção do artista e pela existência da máquina. O cinema era compreendido como a tela reproduzindo a realidade e mostrando a própria visão do homem em profundidade, como um processo independente, sem qualquer intermediação, protegido pela objetividade técnica.

O cinema tinha características que facilitavam a sua penetração, a capacidade de reprodução de cópias, por exemplo, permitia a sua apresentação em inúmeros lugares, para

Denise Está Chamando



públicos totalmente diferenciados e ilimitados. Sua divulgação e capacidade de dominação ideológica, seu estabelecimento como produto, foram amplamente utilizados pelo capitalismo em ascensão. A dominação realizada pelos países que tinham suas cinematografias industrializadas e desenvolvidas atinge níveis globais e extrapola o fator econômico, impõe estéticas, narrativas, valores éticos, políticos e modelos culturais. A indústria dos sonhos é transformada em força de dominação econômica, ideológica e comercial.

No início, os filmes eram como documentários curtos, que não narravam histórias. Com o tempo, a linguagem da imagem foi sendo trabalhada, passou a contar histórias e a desenvolver estruturas narrativas através de cenas sucessivas e encadeadas. A câmera deixa de ser imóvel e passa explorar espaços e adquirir técnicas de agilidade que cada vez mais aproximavam as cenas da realidade. Paulatinamente a seleção das imagens, sua organização em seqüências, a escolha minuciosa dos planos e a sua codificação, vão desmistificando o cinema como reprodução do real e identificando-o como expressão de montagem de diversos elementos.

O som foi inserido para tornar mais real as cenas, a fala aproximava os personagens da vida, o barulho, os ruídos, incrementam as histórias, aumentam o fascínio da arte cinematográfica. Seu caráter comercial também é desenvolvido, o lucro, a preocupação em agradar públicos diferenciados, a homogeneização das características culturais básicas, a criação de *deuses e deusas*, a criação de gêneros (drama, comédia, suspense, ficção, etc.), a necessidade de inovação, vão transformando o cinema em um produto de massa, cada vez mais sofisticado.

Com o surgimento da tecnologia da televisão, na década de 50, ele assume novas características. O aperfeiçoamento técnico procura dotá-lo de capacidades que a TV não possui. A cor ganha novas e melhores definições, a tela se amplia, surge o som estéreo, há uma renovação temática e de linguagem e as preocupações sociais e de atendimento aos públicos diversificados, vão interferindo na produção. Muitos movimentos cinematográficos surgem em diferentes partes do mundo e a imagem perpetua sua penetração com variações ao longo do tempo e do espaço, mantendo intacto seu poder e sedução.



A estratégia da sedução do relato e o domínio das emoções adormecem a racionalidade. Há uma transferência globalizadora de fascínio, uma experiência mítica. O espectador vive o que vê e seus desejos estão representados nas imagens, que lhes conferem sentido.

Debray (1993) considera que cada época tem um inconsciente visual, que seria o foco centralizador de suas percepções e assim concebe o cinema:

A pintura foi a psicanálise do século XVI; o cinema, a do XX . (...) Os séculos, porém, como os dias, têm o seu pôr-do-sol. E o elemento cinema, diria Hegel, é “coisa do passado” (ainda que, durante muito tempo, veremos filmes admiráveis). (p.270)

O autor ressalta que o cinema fala do mundo e da realidade dos homens, mas como arte de vocação realista, “(...) procura um caos filtrado, mediatizado por um ponto de vista, uma subjetividade que enquadra, dialoga, recorta e monta” e é capaz conduzir através da luz e de sua autoridade, perturbação, paixão, empatia e emoção. Na sua visão, a fotografia, o cinema, a televisão, o computador, são máquinas destinadas a ver que substituíram a imagem feita pela mão do homem, reorganizaram as artes visuais e constituíram o que ele chama de *videosfera* que é uma revolução técnica e moral.

A capacidade dos signos, veiculados pela imagem, pela fala ou pela escrita mobilizarem multidões, constitui-se em um mistério para as ciências humanas, afirma o autor. E para estudar esse fenômeno, Debray (1993) apresenta um tipo específico de investigação, a midiologia, que é uma disciplina, um método de análise que se propõe a resolver a eficácia simbólica.

Como ele, outros pensadores têm dedicado suas vidas ao fenômeno da comunicação. A França tem sido destaque na área e poderíamos citar entre aqueles que analisam com pessimismo as novas tecnologias e a produção comunicativa Paul Virilio, Lucien Sfez e Jean Baudrillard. Em contrapartida, Pierre Lévy vê com otimismo a introdução das tecnologias .

O cinema enquanto tecnologia nasceu com as sociedades industriais, na modernidade burguesa, atravessa décadas e nas sociedades pós-industriais é mais um elemento que converte o sujeito em um terminal de informação. Ele passa por metamorfoses e ainda surpreende com seus produtos polêmicos, como é o caso do filme *Denise Está Chamando*.

SITIANDO DENISE ESTÁ CHAMANDO

Dirigido por Hal Salwen, o filme produzido nos USA em 1995. Neste mesmo ano foi vencedor do prêmio de Júri Especial no Deauville Filme Festival e uma Menção Especial no Festival de Cannes. É uma comédia urbana centralizada na vida de pessoas jovens, solteiras e “solitárias”, ocupadas em seus trabalhos e na maior parte do tempo conectadas em redes sofisticadas de dispositivos de comunicação – telefone (convencional, sem fio, viva voz, secretária eletrônica, chamada coletiva e celular), computador, fax – . A trama inicia com uma festa, onde os protagonistas combinam de se encontrar, mas não comparecem. Por telefone explicam suas ausências e por telefone, fax e computador, estabelecem todos os seus relacionamentos. Os personagens forjam relações mais íntimas por meio destas redes se encontram, se conhecem, se apaixonam, confiam, seduzem, se entregam, se desvelam, vivem, nascem e morrem... sem desligar o telefone.

O grupo vive prometendo se encontrar, mas não saem de casa, preferem o espaço privado ao mundo social. Com inteligência, simplicidade e bom humor mostra a “solidão” que acompanha a idéia da globalização e do uso indiscriminado das novas tecnologias.



Denise Está Chamando

Denise Está Chamando discute a interação humana, problematizando a comunicação e a sociabilidade. Enfoca as transformações nas relações entre gêneros, no imaginário sexual, nas subjetividades introduzidas pelo processo de globalização e pelas novas tecnologias.

Rago (1998) diz que o filme questiona os caminhos traçados pela interação midiática, que imprime mudanças significativas na vida social e privada. O isolamento, a atomização, a busca de segurança e proteção procuradas na tecnologia e no telefone são questões apresentadas, juntamente com tantas outras, como enfatiza a autora:

Estamos vivendo uma intensificação das relações interpessoais e uma quebra das barreiras sociais, individuais e sexuais? As relações pessoais, corpo a corpo, serão medidas perversamente pelas novas tecnologias, levando-nos a uma terrível solidão e falta de contato físico e sexual? O contato entre duas pessoas será substituído pelo sexo virtual, como alardeiam alguns contemporâneos? Ou ao contrário, estamos em via de constituir uma só aldeia global, onde os corpos estarão mais livremente em contato, desembaraçados de antigas mitologias, fantasias e ignorância em relação ao outro? (p.41)

Neste estudo situamos a cultura contemporânea com as características próprias de uma sociedade impregnada pela a globalização e suas influências na cultura, marcada pela introdução das novas tecnologias e pela constituição de subjetividades construídas com outra perspectiva de espaço e tempo.

A CULTURA CONTEMPORÂNEA NA ERA DA COMUNICAÇÃO E DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Por convenção, o movimento modernista se encerra em 1950. Daí, nasce o pós-modernismo, que é caracterizado como um período de grandes mudanças científicas, artísticas e sociais que evidenciam desenvolvimento em diversas áreas, mas principalmente na informática.



Denise Está Chamando

O movimento percorre as décadas de 60 com a arte Pop, os anos 70 com a crítica à sociedade ocidental. Atinge o cotidiano, as artes, que são invadidos pela tecnologia.

A velocidade das informações, o aperfeiçoamento dos serviços, o incremento do consumo acrescentam grandes alterações nos valores, nas artes, na filosofia e caracterizam as sociedades ditas *pós-industriais*, baseadas no enaltecimento da comunicação.

As tecnologias de comunicação aceleram a circulação e a quantificação de mensagens, diluindo unidades, estabelecendo aberturas e pluralidades. Princípios são desestabelecidos, valores, práticas e realidades são desestabilizados. A automação gerada pela tecno-ciência, pelo conhecimento técnico-científico, aplicado à produção, movimenta e altera o cotidiano e o mundo do trabalho em proporções surpreendentes.

A vida cotidiana e o sujeito pós-moderno são bombardeados pela tecnologia, pelas informações que crescem em proporção e fragmentação. O espetáculo, a imagem, o design, a erotização, a publicidade estão voltados para a sedução dos sujeitos pelo incremento do consumo acelerado de bens e serviços que precisam dar conta da diversificação dos públicos, das peculiaridades cada vez mais variadas.

A diversidade de idéias e comportamentos se prolifera e produz indivíduos variados que se individualizam e são orientados para pequenos objetivos, sem participações expressivas ou grandes projetos sociais. Os sujeitos são pulverizados na massa, a arte não apresenta movimentos definidos, não busca coerência. Os estilos e as tendências são ecléticos.

No cinema, os efeitos especiais, a convivência pacífica da nostalgia, da ficção científica e do futuro projetado como grande espetáculo, estão nos roteiros, nas imagens, na linguagem, na tela.

A desconstrução da filosofia ocidental, a decadência das grandes idéias, a descrença nos valores estabelecidos, abalam as culturas, instauram o vazio nas concepções até então estabelecidas.

Os sujeitos estão fadados a própria dissolução pelo envolvimento em um universo comunicacional crescente, que dissemina informações velozes e sem referências. A substância é demolida, o modismo, o ritmo cotidiano, a saturação informativa, são parte do indivíduo contemporâneo.



Denise Está Chamando

A apatia, o conformismo, a depressão, a melancolia, movimentam seres que se assemelham a andróides. Voltados para si, indiferentes para o resto, desorientados pelos antigos valores, ritmados pela velocidade, pelo descartável, pela ausência de representações. O pensamento humano, o tempo, o espaço, o fim das identidades, das classificações, dão lugar ao ecletismo nas relações.

O filme *Denise Está Chamando* monta este universo de individualização dos sujeitos, onde as relações são mediadas pelas tecnologias. Mesclando o cômico e o melancólico, o filme exhibe o cotidiano de um grupo de pessoas que estabelecem novas relações de convivência e introduz uma outra percepção sobre as relações humanas. Novos valores e formas de existência aparecem, podendo despertar olhares catastróficos ou a visão de que novas ordens se instalam na cultura contemporânea, mediada pela comunicação.

O filme problematiza os fenômenos culturais trazidos pela tecnologia. Apresenta um grupo de pessoas conectadas em rede, convivendo e interagindo através do telefone ou de outro mecanismo de comunicação que os aproxima e permite que dividam informações, sentimentos, angústias, desejos e solidariedade.

A possibilidade da tecnologia substituir as relações humanas face à face e introduzir mudanças culturais significativas é a temática central do filme. As relações sexuais e os relacionamentos acontecem sem que os protagonistas abram mão de suas privacidades e se encontrem pessoalmente.

A reordenação do espaço e do tempo pelos meios de comunicação, através de redes vituais e de suas conexões é enfatizada em *Denise Está Chamando*, que lança reflexões sobre a interatividade tecnológica e social. Novas formas de arranjo social, político, econômico e cultural, são evidenciadas.

Lévy (1996) afirma que o indivíduo em interação com a cultura forma uma rede complexa. Ao estabelecer relações entre o pensamento individual, as instituições sociais e as técnicas de comunicação, o autor esboça o programa da *ecologia cognitiva*. Traça articulações entre o sistema cognitivo humano e os sistemas semióticos das culturas, para compreender como emergem as racionalidades. A memória, a cultura e as tecnologias fundam atividades cognitivas, representações.



Denise Está Chamando

Ao analisar o conhecimento como um processo classificatório, o autor afirma que todo o processo social ou microssocial torna-se cognitivo. Os conhecimentos herdados são parte dos sujeitos que constroem e reconstróem as instituições, e a estrutura social se mantém e se transforma na interação inteligente entre todos os envolvidos no processo, conforme ilustra: “O pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações”. (LÉVY, 1996, p.135)

As tecnologias se transformam, se redefinem, criam redes e cada nova conexão altera usos, significações sociais de uma determinada técnica e criam infinitas interfaces. As culturas se modificam, as racionalidades também. Vemos isto no filme, onde a tecnologia é a mediadora das relações pessoais, impondo novas formas de vida e de relacionamentos. Diferentes formas de convivência são sugeridas, as cenas apresentam as redes de comunicação através da tecnologia, como uma outra perspectiva. O campo da sexualidade, das relações entre gêneros, o mundo do trabalho, a solidariedade, são abordados enfocando novas alternativas e possibilidades de existência.

A GLOBALIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

As problematizações advindas da globalização são enfocadas no trabalho de Hal Salwen com muita habilidade, englobando as dimensões sociais, econômicas, culturais e tecnológicas e as transformações nas concepções, nos valores e nas subjetividades da contemporaneidade. A complexidade nas relações e a diversidade nos referenciais até então considerados produz novas identificações, apontando novas perspectivas de relacionamento e de vivência.

A questão da globalização tem sido enfatizada pelas diversas áreas de conhecimento e sua abordagem é fundamental para a compreensão de novas possibilidades sociais, como as apresentadas no filme. O perfil complexo, heterogêneo e diverso da sociedade contemporânea reflete as alterações mundiais nos campos econômico, social, político, cultural e tecnológico. Os impactos da globalização não alteram apenas a economia, o comércio



Denise Está Chamando

internacional, mas instituem rápidas e contínuas mudanças neste final de milênio. A sensação de crise permeia as sociedades, as organizações, os indivíduos e as identidades, que estão sendo descentradas, fragmentadas pelo movimento de ruptura com a linearidade, com as verdades pontuais até então constituídas.

Hall (1997) salienta que a globalização não é um fenômeno novo. Ela instaura processos que ultrapassam as fronteiras, integrando comunidades e organizações em novas combinações de espaço e tempo. Para o autor, a globalização é inerente ao processo de capitalismo, um elemento da economia mundial. Seu impacto sobre as identidades nacionais comprime o espaço-tempo através dos processos de aceleração globais, tornando o mundo menor, as distâncias mais curtas.

A mediação da vida social com o mercado global através da mídia, das viagens internacionais facilitadas, da rede informática, faz com que as identidades sejam desalojadas, complementa Hall. A tensão gerada entre o global e o local tem efeitos nas identificações, criando novas articulações nos aspectos particulares e universais das identidades. O autor considera que a polêmica sobre a homogeneização cultural ocasionada pelo processo de globalização tem sido simplista, exagerada e unilateral, preferindo pensar no global não como substituto para o local, mas articulado com ele.

Assim, a globalização desloca identidades centradas e fechadas das culturas nacionais. Produz novas identificações e efeito pluralizante nas identidades. O autor aponta também seu efeito contraditório, manifesto nos movimentos que tentam recuperar a tradição, as unidades perdidas. As culturas híbridas emergentes das migrações, que embora não unificadas às culturas locais, transportam, traduzem traços de suas culturas, tradições e histórias originais, são exemplo de identidades novas, produzidas pela globalização.

Veiga-Neto (1995) ressalta que também o campo do conhecimento, o modelo de racionalidade científica construído a partir do século XVI, está em questionamento neste final de século. As instituições, o pensamento, o mundo e a própria crise são atingidos por novas problematizações. Além de todas estas crises, também há uma crise ideológica e retomando o pensamento de Michel Foucault, o autor adverte para a necessidade de colocar sob suspeita os



Denise Está Chamando

discursos e as práticas, numa atitude *hipercrítica* que desvende pequenas revoltas diárias e mudanças.

No movimento crítico, a percepção das relações históricas, a interferência nas ações, nas concepções e na visão de mundo de cada sujeito, há uma desconstrução dos antigos saberes e métodos. A ruptura com a linearidade, com as verdades pontuais construídas em determinado tempo e espaço dão lugar à pluralidade e a transitoriedade progressiva.

Consideramos importante ligar estes elementos *macros* no estabelecimento de ações comunicativas (*micros*). Compreender os reflexos da globalização nas identidades culturais é imprescindível para entender as trajetórias da comunicação que contempladas nos discursos sobre a pós-modernidade e especificamente no filme *Denise Está Chamando*.

Ao entendermos o perfil da sociedade contemporânea como complexo, heterogêneo, diverso e o fenômeno da globalização econômica, do livre mercado, da competitividade, da automação industrial, das alterações impostas ao mundo do trabalho na composição das culturas, enxergamos uma sociedade complexa, impregnada por essa ‘nova cultura’ (da informática, da rapidez, da simplificação das coisas), que provoca mudanças sociais e individuais importantes.

Visualizamos no filme os sujeitos resultantes destas transformações, subjugados à própria privacidade e ao trabalho, que é o foco centralizador de suas vidas, seus tempos e espaços. Já não possuem tempo nem disponibilidade para o social. O trabalho absorve suas existências e invade suas rotinas, minimizando as necessidades de convivência e encontros sociais.

A confluência comunicativa fica por conta da rede de informação estabelecida pelas tecnologias que permitem um outro tipo de encontro, não mais pessoal, mas virtual.

O filme retrata a mediação da técnica nas relações culturais, sociais, que é uma constatação da história da humanidade. As mudanças tecnológicas sempre geraram mudanças culturais, sociais, artísticas, políticas e econômicas. A sociedade contemporânea com seus suportes tecnológicos é transformada no seu dia-a-dia, nas relações sociais e nas suas construções ideológicas.



O emocional e o afetivo acompanham a complexidade de um tempo que insere outras formas de interação humana. A comunicação que encurtou distâncias e tornou o mundo menor, também mudou os indivíduos e seus cotidianos.

O filme exalta a reflexão sobre o uso dos modernos meios de comunicação. Morin (1995), entende que a tecnologia desenvolvida nesta área, no século XX, não é nem boa, nem má, a utilização que o homem faz dela é que a define. O entendimento hostil para com as novas tecnologias é encontrado em outros autores que não compreendem a transitoriedade e os novos reordenamentos como uma gênese natural do desenvolvimento social.

A velocidade permitida pela comunicação desestabilizaram o saber, a estética e a cultura e o filme retrata isto, mostra novas formas de relacionamento e as mutações comportamentais, o dismantelamento da identidade moderna e a construção de novas perspectivas culturais.

RELAÇÕES DE GÊNERO

O filme *Denise Está Chamando* rompe com uma série de construções de relações entre os gêneros, as quais estamos acostumados vivenciar e aceitar. Essas relações ocorrem dentro de outros padrões morais, costumes e valores que evidenciam uma físsura, uma desconstrução dos códigos que sustentavam o sujeito.

A narrativa contida nesse filme não surge do nada, como uma idéia excêntrica tirada da eloquência do autor, ela é sintoma de um contexto que aponta mudanças de comportamentos nas relações, atravessadas por arranjos sociais. São imagens contrastantes e podem parecer simplificadas por demonstrar o cotidiano de um grupo de pessoas, mas não se pode deixar de imaginar que se referem a formações bastante complexas de discurso e cultura na contemporaneidade. É a percepção do autor com uma realidade que se encontra em mutação a cerca das relações entre os gêneros, permeadas de instabilidade e de uma incerteza que engendraram, com tanta segurança, as relações de gênero na modernidade.

O texto evidencia transformações nas formas de representação das relações de gênero amarradas em outros suportes que não sejam categorizados como universais, únicos, lineares



e binários, evidenciando a fragmentação e o deslocamento do sujeito nas relações na contemporaneidade. O filme traz imagens contrastantes que podem parecer, num primeiro olhar, simplificadas, mas são bastantes complexas por se referirem a práticas discursivas.

Nesse sentido, a primeira constatação que sobressai refere-se a um outro estilo de comunicação que ocorre entre os sujeitos nos vários espaços que transitam: do trabalho, das relações sociais e da sexualidade. Todos os sujeitos estão interligados por um dispositivo da rede de comunicação – o telefone -, essa ferramenta é a materialidade das relações entre os sujeitos que por seu intermédio constroem suas identidades e seus imaginários que flutuam nas relações com o outro. Assim, a mídia sustenta os circuitos de relações pessoais e trabalhistas do qual depende todo os personagens envolvidos. Levy (1998) comenta que esse artefato cultural contribui para construção do conhecimento por acionar imagens interativas que prolongam e transformam as capacidades de simulações da imaginação e pensamento.

A mídia sustenta, nesse filme, dois circuitos: de trocas econômicas globais, do qual depende o movimento mundial de informação e conhecimento e o de relações sociais.

TEMPO E ESPAÇO DO TRABALHO

Com a globalização e a consolidação dos fluxos informacionais ocorre o alargamento das conexões no espaço. São outras possibilidades de fluidez que estão na base dessa formidável expansão de intercâmbio, possibilitando que o tempo se torne mais rápido e o espaço mais próximo. Dessa maneira, ocorre a ruptura perpétua dos ritmos espaciais e temporais, segundo afirma Harvey (1993).

De um lado, a divisão do trabalho se amplia abrangendo muito mais espaços e, de outro, ela se aprofunda por inserir um número muito maior de sujeitos envolvidos num mesmo entorno. Santos (1997) ao referir-se sobre essa densidade comunicacional afirma que “Esse tempo plural do cotidiano partilhado é o tempo conflitual da co-presença” (p.205), pois embora essa ação comunicacional seja solitária ela é criadora da interdependência do outro, da empresa para que resulte numa relação informacional.



A rede de comunicação que se configura nesse filme pode ser enquadrada não só pela matriz de sua materialidade – de levar a informação - mas também pelo dado social – por circular a identidade do sujeito e formas de sujeição. É um espaço construído como quadro de vida, pronto a responder aos estímulos que ativam e criam pontos de contatos, surgindo um espaço do tempo real que preside uma sociabilidade à distância. Para Santos (1997) as redes são virtuais e ao mesmo tempo são reais; são técnicas, mas também são sociais; são concentradoras e disparadoras de valores.

O tempo e o espaço do trabalho, nesse filme, são constituidores de sujeitos, pois as marcas que neles se assinalam determinam os momentos e os lugares de estar ou não com o outro. O tempo do trabalho organiza códigos que permite ou não a presença do sujeito, em nome do trabalho é possível não ir às festas, como mostra uma cena no início do filme onde Gale apresenta desculpa a Linda por não ter ido a festa; não comparecer aos encontros, como na cena em que Bárbara pede desculpa a Gale por não ter ido ao encontro (no qual conheceria um pretense namorado) por estar cumprindo prazos muito apertado no trabalho. A desculpa por estar trabalhando é aceitável por todos.

O trabalho é organizado por um tempo que foge dos parâmetros da modernidade, pois cada personagem estabelece seu próprio tempo para o trabalho, embora essa flexibilidade permita estabelecer os horários de trabalho ela possui um perigo inerente: o de reduzir-se num sujeito interiorizado por apresentar um ritmo muito intenso de trabalho.

Há ainda outros códigos sendo utilizados para comunicar essas idéias. Podemos lembrar, por exemplo, a conversa entre Jerry e Martin em que Jerry afirma não poder se relacionar afetivamente com uma mulher por estar trabalhando tanto e mal tem tempo para pensar. Também podemos ver isso na cena em que estão conversando Gale e Frank – antigos namorados - , e ambos constatam que estão há 5 anos sem se verem, mas como tempo voa e é consumido pelo trabalho, isto não ficou muito marcado em suas vidas.

O filme nos oferece inúmeros marcadores que exemplificam todas essas idéias. Já nas primeiras cenas, as várias tomadas do horário por um relógio digital, demonstrando a preocupação com o tempo. A “visualização” do tempo no relógio digital resulta numa outra forma de medir e captar o tempo, através de uma nova tecnologia, em que o tempo não passa,



ele salta por instantes congelados deixando a impressão que não existem articulações com o passado nem com o futuro, somente o presente é que existe.

O espaço do trabalho é ocupado por um lugar que antes era confinado ao doméstico, o trabalho em casa deixa de ser somente doméstico e exercido somente pela mulher passando a ter uma outra configuração – lugar de trabalho. A maior parte do trabalho, realizado pelos personagens, são efetuados em suas casas, tanto por mulheres como por homens, através de telefones e computadores, estabelecendo uma rede de comunicação que faz com que vários pontos do espaço estejam conectados num tempo real. O trabalho domiciliar, utilizando o computador ligado às redes, muda, de forma dramática, a natureza do trabalho.

O espaço doméstico se torna o lugar onde se tem acesso à compra, ao entretenimento e ao trabalho que pode produzir sujeitos “encaramujados” e isolados que poderão ter dificuldades em fazer distinção entre a realidade e a simulação. Kenway (1998) salienta sobre o efeito psicológico do crescente impacto da cultura dos novos meios de comunicação que criam uma sociedade de evasão, ou seja, sujeitos que se enclausuram em suas casas, são adeptos do escapismo e imaginário, tornando-se aprisionado nessas formas mercantis de troca e nas relações sociais imaginárias. Além disso, o sujeito pode ter dificuldade em estabelecer distinção entre, de uma lado, casa e local de trabalho e, de outro, entre trabalho e lazer.

Esse filme não anuncia a divisão de trabalho por sexo, todos parecem desempenhar as mesmas tarefas, com a mesma intensidade de trabalho, diferindo muito dos modelos de produção taylorista ou fordista que assinala fortemente a diferenciação e valorização do trabalho por sexo.

Essa nova configuração no tempo e espaço do trabalho permite o deslocamento do sujeito para outras configurações de identidades que acenam outras intensidades de forças que agem no nível desse nexo de contradições. São forças conseqüentes do processo de globalização da economia, que transforma as regras de competitividade e determina a revisão e modificação dos processos de produção e comercialização exigindo outras formas de gestão e organização do trabalho.

Com isto os modelos de produção taylorista e fordista são substituídos pelo modelo toyotismo. Neste novo modelo de organização de trabalho a produção é mais flexível e as



Denise Está Chamando

telecomunicações têm um papel preponderante por permitir a presença do sujeito em vários espaços e conseguir “manipular o tempo”, através da possibilidade de ultrapassar as barreiras impostas pelos fusos horários, conseguindo com isto um intenso fluxo de informações e comercializações na rede.

Essa flexibilidade de produção permite que o sujeito seja o próprio empregador, havendo um “mascaramento” da hierarquia de poder, pois o responsável pela determinação e execução do trabalho é o próprio sujeito. Desse modo, é ele que vai determinar os horários de trabalho. Santomé *apud* Bonazzi comentando sobre a flexibilidade do horário de trabalho, no modelo toyotismo, diz que “(...) é difícil discernir a sutil linha que separa, por um lado, a participação voluntária e, pelo outro, a interiorização obsessiva da auto-exploração” (1998, p. 19). Desse modo, o sujeito interioriza dispositivos disciplinares que constrói uma tecnologia de subjetivação que o torna objeto de si mesmo. Assim, o poder, numa perspectiva foucaultiana, atua diretamente sobre o comportamento do sujeito, fabricando um tipo de sujeito adequado ao novo modelo de produção.

Esse espaço e tempo do trabalho produz um sujeito “anônimo” no mercado empresarial, que desenvolve uma tarefa “solitária” num espaço interior, fechado, dentro, solitário, cuja presença com o outro, com o exterior só ocorre pela rede, mas representa pequenas células de produção doméstica com grande poder de competitividade num mercado globalizado. Harvey (1993) comenta que esse novo arranjo espacial provocado pelas redes de comunicações:

(...) desconstrói o espaço ao dar nova forma às suas bases geográficas. Dito de outra maneira, toda a luta para reconstituir relações de poder é uma batalha para reorganizar as bases espaciais destas. É a luz disso que podemos melhor compreender porque o capitalismo reterritorializa sem parar com uma mão o que estava desterritorializando com a outra. (217)

ESPAÇO DAS RELAÇÕES SOCIAIS



Denise Está Chamando

As práticas sociais constituídas nesse filme assinalam a desconstrução das relações sociais constituídas na modernidade, por anunciar outras formas de relacionar-se com o outro, mediadas pelo telefone. Todos se comunicam, interagem, formam rede de apoio, socorro, amizade, solidariedade sem a presença física do outro, somente a voz está presente em vários espaços ao mesmo tempo. É ela que circula em todas as relações levando prazer, desculpa, informação, convites... a voz torna-se o outro.

Mediante as redes há uma criação paralela de identidades, elas possibilitam “entrar mais facilmente” na vida privada do sujeito, uma vez que as questões emocionais sempre foram mais concernentes à esfera secreta e íntima do sujeito. Devido o fato de não ver o outro, de não ter sua presença física, de mostrar-se de uma forma que parece ser mais velada na relação, deixa transparecer uma sensação de que esse sujeito que se comunica não é o próprio, proporciona a possibilidade de iniciar a moldagem da constituição do imaginário perante a rede, produzindo múltiplas identidades e possibilitando ao sujeito experimentar diferentes e novas identidades de aprendizagem. Desse modo, a presença de identidades plurais estão originadas, conforme Hall (1997), pelas mudanças nas estruturas e processos centrais das sociedades modernas que faz deslocar e fragmentar as referências sociais que davam suporte ao sujeito.

Esses processos de mudança faz com que a identidade do sujeito passe a ser mutável, constituída por uma identidade conforme o momento, empurrada para diferentes direções, de tal modo que o sujeito terá sua identidade em constante deslocamento, denominada por Hall (1997) em identidades cambiantes, como na cena em que Jerry conversa com Marty e pede ajuda sobre o que dizer a Gale por não ter ido ao encontro. Marty sugere que minta. A mentira nesse caso configura uma outra identidade, assumida momentaneamente, com a finalidade de negociar; com a intenção de não romper a relação que está para ser estabelecida entre Jerry e Bárbara.

De um minuto para outro, pode-se definir o eu de acordo com os padrões da comunidade daquele ciberespaço. Podemos nos associar com as discussões intelectuais altamente sofisticadas e, depois, com apenas um toque no telefone, mudar para a identidade de um sujeito fragilizado afetivamente, esse fato é visto em várias cenas, principalmente,



naquelas em que os personagens estão conversando em duas linhas. Geralmente, os personagens do mesmo sexo solicitam ajuda do outro para resolver seus embates afetivos com o outro, do sexo oposto, que está na linha aguardando a continuidade da conversação, a qual é geralmente interrompida pela expressão “um momento”, que representa a quebra de um turno e espaço e sua ida para outro espaço na busca de socorro. Como podemos ver na cena em que Gale interrompe o diálogo entre Marty e Jerry, este atende o chamado e ao constatar que é Gale solicita um momento e vai pedir ajuda a Marty sobre o que dizer a ela. Também na cena em que Gale e Bárbara conversam e Jerry chama Bárbara, ao atender e constatar que é Jerry, imediatamente pede um momento a ele e Bárbara sai em busca da ajuda de Gale.

Atrás do telefone homens e mulheres ocupam a mesma importância nas relações sociais, tanto na esfera pessoal ou pública. Ao contrário da modernidade, as posições que os sujeitos ocupam nas relações sociais são iguais, com as mesmas oportunidades de circulação entre elas. Isto é possível porque as identidades são atravessadas por circunstâncias que colocam homens e mulheres em igualdades sociais. Assim, as relações sociais são construídas e reproduzidas em arranjos sociais que proporcionem as mesmas condições de acesso aos recursos da sociedade.

Essas idéias estão assinaladas, claramente, no filme também por meio da distribuição do número de personagens e sua importância conforme o sexo, não existe a preponderância de um sexo sobre o outro e o equilíbrio quantitativo só é desfeito com o nascimento do bebê: - uma menina - que pode ser percebido como anúncio de uma outra forma de posicionamento da presença feminina nas relações sociais.

Para Louro (1997) as relações sociais são constituídas de gênero e são, também, constituintes dos gêneros. O filme assinala a ruptura da barreira étnica na sociedade americana que sempre teve a marca étnica como um dos componentes balizadores nas relações sociais. Ao inserir como personagens centrais no filme representantes de outras etnias: Denise – assemelha-se com a etnia latina – e Marty – a judia, o filme mostra a circularidade de outras identidades étnicas no mesmo nível de importância da identidade étnica ocidental, considerada, pela modernidade, como a culta, letrada, soberana...



Denise Está Chamando

Kenway (1998) diz que a relação virtual permite a descorporificação do sujeito por deixar trazer à tona identidades reprimidas e múltiplas, as quais têm a potencialidade de provocar um outro discurso dando-lhe o poder de escolher em qual identidade operar em qualquer situação ou momento. O comentário da autora sobre as relações sociais via Internet pode ser estendido as relações mediadas pelo telefone, pois ambas podem livrarem-se das cargas sociais de seus corpos porque

Em muitos sentidos, ela lhes possibilita serem o que querem ser, permiti-lhes trazer para a linha de frente aquelas características reprimidas de sua *persona* e, de forma mais importante, de serem tratadas como “normais, com todas as vantagens e custos que a isso estão associados (109).

Rago (1998) tenta explicar essa forma dos sujeitos relacionarem-se pelo ciberespaço como um investimento do espaço privado e de sua subjetividade como uma forma de proteção do espaço público, onde circulam várias formas de barreiras sociais. Portanto, o sujeito passa a se refugiar num espaço interno, psicológico, afetivo, que cada vez mais se amplia, com o desejo de privacidade e de intimidade. Para Harvey (1993) esse espaço interno, tem o potencial não somente de afetar o espaço da representação como também de agir como força produtiva com respeito às práticas sociais.

A rede de comunicação pode possibilitar maior acessibilidade do sujeito em relacionar-se com o outro, como também um maior distanciamento. A fricção dessa distância pode ser vista tanto como uma barreira como uma defesa contra a interação humana.

ESPAÇO DA SEXUALIDADE

A sexualidade é um tópico que vem ganhando cada vez mais significância em todos os espaços por onde transita, tem se tornado uma questão crucial em debates educacionais, médicos, sociológicos e históricos. Essa importância está amarrada por trazer, na contemporaneidade, um discurso com dispositivos culturais, morais e políticos da sociedade.



Denise Está Chamando

Esses dispositivos, para Foucault (1996) estão sempre inscritos em um jogo do poder “(...) estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber e sendo sustentadas por eles” (p. 246).

O corpo é a representação da materialidade da sexualidade, é o lugar onde se estabelece os limites daquilo que é sexualmente possível. Para Vance *apud* Weeks (1998) “A sexualidade é mais do que simplesmente o corpo, ela tem tanto a ver com as crenças, ideologias e imaginações quanto com o corpo físico” (p.02). Desse modo, a sexualidade também é um discurso construído em situações sociais e históricas, cujo significado no transcorrer do tempo são atravessados por dispositivos culturais que vão modelando os significados sexuais.

Os padrões de comportamento em relação à sexualidade dos protagonistas do filme têm fornecido muitas evidências de que se diferenciam, da maioria, dos comportamentos modernos, os quais são regulados pela normalidade. Para Foucault (1985) o discurso moderno inscreve a sexualidade como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo, é uma forma de controle, disciplinamento do sujeito sobre seu corpo. Assim, a modernidade consegue disciplinar a sociedade por meio dessas formas modernas de regulação social, tanto através dos corpos individuais quanto do comportamento da sociedade como um todo.

Todas essas rupturas comportamentais são resultado de uma luta social, engendrado por diversos fatores – geográficos, religiosos, econômicos, culturais – no qual diferentes classes e sexualidade estão, inextricavelmente, ligadas. Como ilustração desses marcadores de diferenças de comportamentos temos a decisão e o método de concepção buscado por Denise para ter um bebê – fertilização *in vitro* por meio de um banco de sêmen – demonstrado com isso a autonomia do sujeito, no qual basta para si a vontade de querer alguma coisa. Outra ilustração bastante diferenciada é em relação a atividade sexual entre Jerry e Bárbara, que ocorre sem o contato físico, apenas mediada pela voz, fazendo todo um jogo de sedução com a finalidade de atingir um clímax. Essa outra forma de prática sexual – sexo virtual – demonstrada no filme transmite uma sensação prazerosa entre os parceiros, que a presença física deixa de ter importância. É a voz substituindo o corpo, por meio dela o desejo e o



Denise Está Chamando

prazer são alcançados, como diz Jerry ao comentar com Marty sobre isso “é muito gratificante espiritual e fisicamente”.

Rago (1998) faz um questionamento sobre a sexualidade, na atualidade, ao indagar se estamos vivendo uma dessexualização ou re-sexualização. Sua indagação está relacionada pela forte atração exercida pelas novas tecnologias de rede que fascinam o sujeito contemporâneo, fazendo com que ele substitua o relacionamento sexual pelo virtual.

COMENTÁRIOS

Este exercício de análise é uma tentativa de inscrever uma produção cinematográfica na perspectiva de conhecimento dos Estudos Culturais, buscando olhar o cinema como um artefato cultural que assinala as práticas sociais.

A temática central de *Denise Está Chamando* remete para a preocupação de como as redes de comunicação estão mediando as questões relativas à sexualidade, relações de gênero e o trabalho nesse final de século em que o processo de globalização afeta o imaginário sexual e direciona outros rumos para as relações sociais.

O filme questiona para onde as práticas sociais se movimentam em termos de comunicação e sociabilidade num tempo e espaço marcado pela globalização, em que fronteiras geográficas, raciais, sexuais e afetivas se desestabilizam. Com esta perspectiva, é possível pensar que as redes de comunicação têm confinado as relações sociais ao espaço privado? Há uma outra forma de se pensar a sexualidade em termos relacionais? O trabalho vem se transformando na maior fonte de prazer do sujeito? O sujeito está sendo deslocado para um espaço onde a relação consigo mesmo é mais significativa?

Essas indagações apontam para diferentes perspectivas, que são de difícil localização e definição pois estão diante de uma constante diversidade cultural. Concordamos com Rago (1998) ao afirmar que

(...) os rumos que se delineiam são bastantes obscuros embora acredite que estamos caminhando para um mundo mais democrático, feminista e



Denise Está Chamando

libertário, com muito mais alternativa e espaços abertos, é também difícil manter tanto otimismo. Sinais opostos também se evidenciam fortemente, levando-nos a procurar formas de interpretação e entendimento que nos permitam situar e interferir social e individualmente. (p. 42)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é o cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna - introdução às teorias do contemporâneo*. 3ª ed., São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 12ª ed. 1996.
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. (trad. SILVA, T. T. da e LOURO, G. L.) Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Loyola, 1993.
- JAMENSON, Frederic. *Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1997.
- KENWAY, Jane. *Educando cibercidadãos que sejam "ligados" e críticos*. In: SILVA, Luis Heron (org.). *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LÉVY, Pierre. *Educação e Cibercultura: a nova relação com o saber*. In: *Educação, Subjetividade & Poder*, n. 5, jul., 1998.
- _____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MATTELART, Armand. *Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias*. Petrópolis: Vozes, 1994.



Denise Está Chamando

- MORIN, Edgar ; KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- RAGO, Margareth. Globalização e Imaginário Sexual, ou “Denise está chamando”. In: *Educação, Subjetividade & Poder*. n. 5, jul., 1998.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- SANTOMÉ, Jurjo, Torres. *Globalização e Interdisciplinarietà*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SANTOS, Jair Ferreira. *O que é o pós-moderno*. 8ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SANTOS, Milton. *Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *Técnica espaço tempo-globalização e meio técnico-científico informacional*. 3ª ed., São Paulo: HUCITE, 1997.
- SOUSA, Mauro Wilton (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol?*
In:_____.(org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- WEEKS, Jessrey. Tradução Guacyra Louro. *O corpo e a sexualidade: o que queremos dizer quando falamos sobre o corpo e sexualidade?* mimeo.1998.

